

FACULDADE CANÇÃO NOVA

FRANCISCO DE ASSIS AMARAL DE SOUZA

**RITUALIDADE, LITURGIA E VIVÊNCIA SACRAMENTAL:**  
o lugar da Eucaristia no Concílio Vaticano II

Cachoeira Paulista  
2021

FACULDADE CANÇÃO NOVA

FRANCISCO DE ASSIS AMARAL DE SOUZA

**RITUALIDADE, LITURGIA E VIVÊNCIA SACRAMENTAL:**  
o lugar da Eucaristia no Concílio Vaticano II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Teologia na Faculdade Canção Nova sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Roberto Marcelo da Silva.

Cachoeira Paulista  
2021

## AGRADECIMENTOS

A construção de uma monografia é uma tarefa árdua que, como um peregrino de Emaús, não deve ser feita na solidão da caminhada, é preciso a presença do Mestre e dos amigos, a fim de que a sobrecarga do cansaço, da dúvida e do medo sejam compartilhados. Por tê-los ao meu lado, externo os mais sinceros agradecimentos.

Aos meus familiares, em particular minha filha Taciana Costa de Souza, pela paciência filial e pelo apoio incondicional aos meus projetos e sonhos.

Aos meus amigos e conhecidos, pelos constantes incentivos e pelo apoio moral e financeiro a mim destinados ao longo de todo o tempo em que me dediquei aos estudos.

Aos professores que tive ao longo de minha formação acadêmica, de modo muito especial na pessoa do senhor Prof. Dr. Lino Rampazzo, Coordenador do Curso de Teologia.

Ao orientador Prof. Dr. Pe. Roberto Marcelo da Silva minha gratidão, a quem admiro e que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento, e se mostrando disponível e incansável.

À bibliotecária Roselayne Laura dos Santos, da Escola de Engenharia de Lorena (EEL/USP), que muito me apoiou na busca pela “*humilitas discipulus teologiae*”: anseio pelo saber para melhor viver os mistérios divinos que envolvem a humanidade.

Se a ação de graças é a melhor maneira de externar a profundidade de um coração agradecido, que reconhece no outro a importância da unidade e da comunhão, agradeço finalmente a Deus, fonte de toda sabedoria, e a Ele a honra e a glória pelos séculos sem fim.

Dedico este trabalho a minha família, sobretudo a minha filha Taciana Costa de Souza; a minha Mãe, Olivia Amaral de Souza; aos meus irmãos, Marcos, Antonio José e Stela Máris; ao meu Pároco, Padre Luiz Gustavo Uchoa Silva; e a Roselayne, pois souberam ser lampejos de esperança e caridade em minha existência.

Assim como dois pedaços de cera derretidos juntos se tornam um, do mesmo modo o que comunga de tal sorte está unido a Cristo, que ele vive em Cristo e Cristo vive nele.

São Cirilo de Jerusalém.

## RESUMO

O sinal é uma coisa que vemos e nos leva a conhecer algo que não vemos. É a ação simbólica, no contexto da celebração, que comunica efetivamente a graça que significa. O verdadeiro Sinal, Símbolo e Ícone de Deus é o próprio Cristo: não só nos manifesta quem é o Pai, como no-Lo comunica. A liturgia, sobretudo a celebração sacramental, está tecida de sinais e de símbolos. Os que a Igreja utiliza na sua liturgia são, antes de tudo, sinais do mundo dos homens. Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais por meio de sinais e símbolos materiais. O rito é uma forma particularmente importante de símbolo religioso. Ao reunir para celebrar a Eucaristia nos dispomos a comungar, nós acionamos todas as fontes da dinâmica misterioso-sacramental. Por meio da repetição ritual dos sinais manifestados na Última Ceia, voltamos a buscar a redenção no único e inesgotável sacrifício da cruz. A Santíssima Eucaristia é o sacramento central dos cristãos, conforme o Concílio Vaticano II, é o alimento sacramental em que Jesus Cristo se dá à sua comunidade, sob o sinal do pão e do vinho, para torná-la participante da sua própria Pessoa Gloriosa, do seu Corpo e Sangue, entregues de uma vez por todas na cruz. A Eucaristia é centro e ápice de toda a vida cristã, como fonte primordial de que se alimenta toda a nossa existência cristã.

**Palavras-chave:** Santíssima Eucaristia. Vida cristã. Liturgia. Rito.

## ABSTRACT

The sign is something that we see and makes us know something we do not see and symbolic action, during the celebration, effectively communicate the grace that means. The true sign, symbol and icon of God is Christ himself: not only shows us who is the Father, as in it communicates. The liturgy, especially the sacramental celebration is woven from signs and symbols. The that the Church uses in her liturgy are, first of all, the world of men signs. Since man is a being at once corporeal and spiritual, expresses and perceives spiritual realities through signs and material symbols. The rite is a particularly important religious symbol form. When we gather to celebrate the Eucharist and we have the commune, we trigger all sources of misterico-sacramental dynamics. Through the ritual repetition of the signs manifested at the last supper, we returned to seek redemption in the one endless sacrifice of the cross. The Holy Eucharist is the central sacrament of the Christians, conform to Vatican II, the sacramental food in which Jesus Christ gives to his community, under the signs of bread and wine, to make it partaker of his own Person Glorious, of his Body and Blood, delivered once and for all on the cross. The Eucharist is the center and summit of the Christian life as a primary source that feeds all our Christian life.

**Keywords:** Holy Eucharist. Christian life. Liturgy. Rite.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1: A RITUALIDADE E O SIMBÓLICO NA LITURGIA DA SANTA MISSA.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Os sinais e os símbolos na vida do homem.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 O Mistério e a salvação na liturgia da Santa Missa.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 A “preparação dos dons” como símbolo da união do homem com Deus.....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A TEOLOGIA DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 A Eucaristia como Sacramento Pascal de Cristo.....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 A Eucaristia e o seu sinal central.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Eucaristia: presença real do Senhor ressuscitado.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO 3 - A COMUNHÃO COM JESUS NA EUCARISTIA E A VIDA CRISTÃ.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 A Comunhão Eucarística como sinal de unidade.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 A Eucaristia como centro e ápice da vida cristã.....</b>	<b>35</b>
<b>3.3 A relação da Eucaristia com a vida cotidiana.....</b>	<b>38</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>



## INTRODUÇÃO

O Vaticano II foi um tempo privilegiado da graça de Deus que pairou sobre a Igreja. Passados mais de 50 anos, continua a ser um luzeiro a guiar tanto a comunidade eclesial quanto o coração do ser humano em meio esses tempos, sobretudo na celebração de sua fé e na vivência profunda da liturgia, dos sacramentos, em especial da Eucaristia .

Diz a Constituição *Sacrossanctum Concilium* (2000, n. 1):

O Sacrossanto Concílio propõe-se a fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis; acomodar melhor às necessidades de nossa época as instituições que são suscetíveis de mudanças; favorecer tudo o que possa contribuir para a união dos que creem em Cristo; e promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da Igreja. Por isso, julga seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da liturgia.

A partir das reflexões de Massaro (2017) e o texto conciliar acima, apresenta-se a temática desta monografia: a relação entre ritualidade, liturgia e vivência dos sacramentos, especialmente da Eucaristia, a partir das reflexões propostas pelos padres sinodais do Concílio Vaticano II. Nesse sentido, o presente trabalho analisa o quanto é intrínseca a relação da participação ritual na liturgia e sua consequência no testemunho da vida cristã. O enfoque principal é o Sacramento da Eucaristia, entretanto, os demais sacramentos são abordados.

Essa elaboração iniciou-se a partir de uma reflexão na qual se percebe a relação do cristão com o mundo atual. O crescimento cada vez maior de uma mentalidade hedonista, onde cresce o relativismo, o qual, segundo Ratzinger (2007), caracteriza-se como predomínio de opiniões embasadas na subjetividade em detrimento da Verdade. É preciso posicionar perante essa sociedade, cientes que somos cidadãos do alto, sem perder, desvalorizar ou relativizar o nosso “patrimônio da fé”, solidamente presente nas Escrituras, na Tradição e no Magistério, e ratificar ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5,13-14).

O mistério eucarístico, desse modo, exige uma conversão em busca da autenticidade de discípulos missionários, vocacionados ao mistério do amor e da unidade que emanam da vivência da Palavra de Deus, celebrada e comungada.

A monografia instiga à reflexão mediante a questão: “de que modo a vivência ritual litúrgica influencia na vida cristã?” e justifica-se por sua relevância humana, social e, principalmente, teológica, haja vista as condições dos tempos em que vivemos, quando o testemunho do amor para com o próximo se encontra cada vez mais escasso, isto é, verificando-se igualmente em nosso meio cristão .

O Papa Francisco (2014) nos alerta sobre os perigos de deixarmos-nos perder do amor de Deus e lembra-nos de que, seja onde estivermos, precisamos ser presença de Cristo, uma “Igreja da Misericórdia” e do testemunho. Essa consciência cristã é adquirida mediante um encontro pessoal com o Senhor, por meio da vida em comunidade e da vivência sacramental, sobretudo da Eucaristia, “fonte e ápice de toda a vida cristã” .

Para desenvolver o problema inicialmente levantado e atingir os objetivos propostos, o primeiro capítulo apresenta a importância do sinal e do simbólico na vida do ser humano, não apenas no âmbito ritual litúrgico, mas em toda a esfera que engloba a consciência humana. No segundo capítulo, aborda a teologia da Santíssima Eucaristia, ressaltando como acontece a sua ação em nossa vida, quando entramos em comunhão com o Senhor. No terceiro capítulo, mostrar de que modo a ação do Cristo Eucarístico deve refletir em nossas atitudes, no dia a dia, entendendo o momento ritual litúrgico não como um momento isolado ou como algo meramente formal, o qual cumprimos como uma obrigação semanal. No entanto, enfatizar o momento eucarístico como o encontro com Jesus Cristo, vivo e ressuscitado, frisando que, ao término da celebração litúrgica, a Missa continua e devemos permanecer essa comunhão em todos os momentos da vida diária, mesmo que não se esteja na igreja-templo. Conclui-se que o fato de que conhecer o sentido da liturgia, da ritualidade e da Eucaristia, consiste em uma catequese permanente a ser ministrada de maneira contínua para o cristão católico, “a catequese não deve ser só ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã, mas sim itinerário catequético permanente”.

## CAPÍTULO 1

### A RITUALIDADE E O SIMBÓLICO NA LITURGIA DA SANTA MISSA

Apresenta-se a relevância dos sinais e dos símbolos para a constituição do ser humano enquanto ser dotado de corporeidade, *psiqué* e espírito (DALABENETA, 2017), e considerados apropriados pela vivência religiosa, tornando-se rito, liturgia e celebração. No decorrer do capítulo, consolidar que o mistério e a salvação estão intimamente relacionados à celebração da Santa Missa. Por fim, ressalta a união que o sacramento eucarístico estabelece entre o homem e Deus, usando como referência explicativa os elementos rituais do ofertório.

#### 1. 1 Os sinais e os símbolos na vida do homem

Embora, com a capacidade cognitiva, seja capaz de refletir questões abstratas, o ser humano, e de modo especial, o homem ocidental, necessita da utilização da sua capacidade sensorial para interagir com o ambiente, com o próximo e com Deus. Isso porque ele é dotado de dimensões inerentes, que é a “corporeidade, a *psiqué*, o espírito, o núcleo e o eu.” (DALABENETA, 2017, p. 43). Nesse sentido, quando a *psiqué* de uma pessoa é afetada por algum tipo de transtorno, percebemos a fragilidade a ela imposta de se relacionar e de interagir com o outro. Essa condição não está no transtorno em si, mas em suas consequências, que resultam na dificuldade de interação causada por ela, marcada pela pouca percepção dos sinais e os símbolos, razão pela qual a existência parece não ser dotada de sentido. A quiçá dessa exemplificação, verifica-se que os sinais e os símbolos fazem parte do dia a dia de maneira muito significativa, auxiliando para um entendimento dos aspectos constitutivos da vida, para vivê-la melhor.

Esta realidade não é diferente quando se pensa na religião. A liturgia cristã apresenta-se como um conjunto de símbolos e sinais, que as ciências humanas estudam em diversos níveis, mas com compreensão plena e uma experiência autêntica dentro de um contexto de fé e de pertença à Igreja. (GOUVÊA, 2019).

A tarefa de aprofundar a dimensão simbólica da liturgia cristã encontra a primeira dificuldade na imprecisão e na ambiguidade com que os termos “sinal/símbolo” são usados em vocabulários diversos, atinentes ao vasto campo do simbólico, ou seja, ao conjunto de elementos sensíveis em que os homens, seguindo o dinamismo das imagens, com a sua capacidade cognitiva captam significados que transcendem as realidades concretas.

Para Sante (2004), essa dificuldade se dá porque os símbolos e os sinais que constituem o ato litúrgico são culturalmente elaborados.

A cultura não é o acessório que se possa usar ou deixar de usar: ela cria o homem, gera-o para o ser, ela é antropogenética. Valores, crenças, atitudes, emoções, reações, comportamentos, critérios de julgamento, tipos de relacionamentos, instrumentos de interpretação, canais seletivos, módulos de comunicação etc. são gerados pela cultura. Portanto, se é verdade que o homem faz cultura, é ainda mais verdadeiro que a cultura faz o homem (círculo antropogenético). (SANTE, 2004, p. 276-277).

Em Aldazábal (2012), a palavra “sinal” vem do latim *signum* e significa senha, sinal. A palavra “símbolo” vem do grego *sym-ballo* que quer dizer atirar juntas duas coisas, voltar a reunir, como sinal de reconhecimento, duas partes de uma mesma realidade que antes estavam separadas.

O autor supracitado afirma que o sinal é uma coisa que vemos e nos leva a conhecer algo que não vemos, como na fumaça, a existência do fogo, e nas pegadas, a passagem de um animal. Mas essa mediação, que dá a conhecer a realidade oculta, pode ter uma densidade muito variável: desde um mero sinal prático ou convencional (um sinal de trânsito que avisa a aproximação de uma curva), até um símbolo carregado de sentidos humanos (um bolo de aniversário), ou uma ação simbólica que, no contexto da celebração, comunica efetivamente a graça que significa (a imposição das mãos); ou uma pessoa, que é, ela própria, sinal e símbolo da salvação ou de uma realidade invisível (Cristo, sinal, imagem e símbolo de Deus) . (ALDAZÁBAL, 2007)

A partir da definição apresentada, percebe-se que sinal e símbolo não são sinônimos. Os sinais, sobretudo, dão a conhecer, enquanto os símbolos são mais densos de sentido, tendem e realizam. Os sinais não são da mesma natureza que o significado (a fumaça, em relação ao fogo), enquanto os símbolos, de alguma maneira, contêm a realidade que significam, tornam-na presente e põem-nos em relação com ela (a oferta, como sinal de amor).

Assim, todo o símbolo é sinal, mas nem todo sinal é símbolo. A etimologia do símbolo indica a sua intenção: cada uma das duas partes que se juntam (*sym-ballo*) já contém a realidade, mas só quando estão juntas ou se recompõem é que contêm a realidade completa. (ALDAZÁBAL, 2012).

Sanches (1999) apresenta o significado do símbolo religioso

[...] o símbolo se refere tanto às formas concretas com as quais se explicita uma determinada religião como ao modo de conhecer e de representar próprios da experiência religiosa. Os símbolos religiosos fazem sempre referência ao sagrado, isto é, ao mistério como realidade transcendente. (SANCHES, 1999, p. 78).

No Catecismo da Igreja Católica (1999, n. 188), “a palavra *symbolon* significava a metade de um objeto partido que se apresenta como sinal de reconhecimento. As partes quebradas eram juntadas para se verificar a identidade do portador”. Por isso, se chama “símbolo” ao Credo ou à Profissão de Fé, que são o conjunto dos diversos artigos da nossa fé.

Neste contexto, o simbolismo bíblico nasce da concepção religiosa que enxerga toda a realidade e toda a história em uma profunda conexão com Deus, para a qual todos os seres e todos os acontecimentos podem tornar-se sinais da presença e da obra divina. Em tal aspecto, Gouvêa (2019, p. 20) afirma o caráter *hierofânico* do símbolo religioso, explicando que ele não é expressão de uma mera emotividade, mas um significante que só pode ser entendido na profundidade do que ele indica: o mistério divino. O símbolo é, então, algo que dá sentido e traz para a realidade concreta e interior do homem a realidade transcendente de Deus. O mesmo autor prossegue afirmando que os símbolos constituem o rito, que por vezes tornam-se celebração. Existe, portanto, uma intrínseca relação entre sinal, símbolo, rito e celebração.

Deus, na História da Salvação, tanto no Antigo Testamento, como na plenitude de Cristo, serviu-se de sinais e símbolos, tomados muitas vezes da própria natureza, com linguagem cósmica, para manifestar a salvação que nos quer comunicar. Os sinais cósmicos converteram-se em sinais bíblicos da Aliança de Deus, que logo foram assumidos por Cristo, na sua atuação salvífica, e agora são a linguagem expressiva e eficaz da graça sacramental, na celebração da Igreja (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n.1145-1152).

O verdadeiro Sinal, Símbolo e Ícone de Deus é o próprio Cristo: não só nos manifesta quem é o Pai, como no-lo comunica (cf. Jo 1,14; 5, 37; 14, 9...).

A liturgia, sobretudo a celebração sacramental, está tecida de sinais e de símbolos. Os que a Igreja utiliza na sua liturgia são, antes de tudo,

Sinais do mundo dos homens – na vida humana, sinais e os símbolos ocupam um lugar importante. Sendo o homem um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual, exprime e percebe as realidades espirituais por meio de sinais e símbolos materiais. Como ser social, o homem precisa de sinais e de símbolos para se comunicar com os outros, pela linguagem, por gestos, por ações. O mesmo é válido para sua relação com Deus. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1146).

E da mesma forma como o se faz na vida social e na linguagem religiosa de todas as culturas, os cristãos expressam a sua fé e as suas atitudes diante de Deus por meio de sinais e símbolos.

Gouvêa (2019, p. 25) ressalta que

A profundidade da marca gerada pela experiência (simbólica do sagrado) fez com que o ser humano desejasse retornar a ela articulando de forma celebrativa os símbolos, estruturando o rito e, com isso, concretizando a dinâmica ritual na liturgia que possibilita a outros participar da mesma experiência.

O mesmo autor permite construir uma lógica: os sinais e símbolos oportunizam a formação dos ritos, que dentro da experiência religiosa, tornam-se liturgia, celebração.

O potencial da liturgia está, justamente, em sua íntima relação com o rito, pois ele é o cerne da celebração litúrgica. O rito é a mediação ativa que possibilita, na liturgia, a profunda experiência com o sagrado. Justamente, porque a dinâmica ritual na liturgia é a concretização de um caminho que teve sua origem na experiência religiosa do ser humano com o divino. Neste caminho, em síntese, o ser humano captando pelos sentidos a manifestação do divino é auxiliado pelo processo cultural para fazer o intercâmbio dos estados subjetivos. Isto é, a cultura traduz em linguagem simbólica aquilo que foi captado pelos sentidos, dando ao ser humano os símbolos como instrumentos para retorno e continuidade da experiência com o divino. A profundidade da marca gerada pela experiência fez com que o ser humano desejasse retornar a ela articulando de forma celebrativa os símbolos, estruturando o rito e, com isso, concretizando a dinâmica ritual na liturgia que possibilita a outros participar da mesma experiência. (GOUVÊA, 2019, p. 24-25).

O banho na água do Batismo, ou o comer e beber no contexto da Eucaristia, ou as unções com o santo crisma na Confirmação e na Sagrada Ordenação são os sinais pelos quais Deus nos alcança na esfera eclesial e pelos quais nós Lhe respondemos e celebramos essa a sua vontade comunicadora. A liturgia “simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens; nela o Corpo Místico de Jesus Cristo, a Cabeça e os seus membros, presta a Deus o culto público integral” (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 7).

No contexto cristão, os termos “celebração” e “celebrar” caracterizam quase exclusivamente um ato litúrgico propriamente dito. Por isso quando se fala “celebração” (litúrgica) compreende-se o ato litúrgico em sua essência, ou seja, a celebração é ação da assembleia reunida, obra da Igreja, que não se limita à contemplação da intervenção salvífica de Deus em Cristo, mas que ilustra os conteúdos numa ampla variedade de ritos, que realizam tudo aquilo que é objeto da própria celebração. Celebrar é agir sob a forma ritual. A celebração litúrgica, portanto, é constituída por ritos, que são uma linguagem própria.

Nesse sentido, Casel (2009) propõe que a celebração litúrgica é a própria ação de Cristo no seio da comunidade celebrante.

Se Cristo é o “Salvador”, aquele que opera a salvação, então a Igreja deve tomar parte na ação de Cristo; ela deve receber essa ação, mas de maneira ativa, pois os membros sadios participam dos movimentos que partem da cabeça. Mais ainda, não é senão tomando parte ativa nas ações de Cristo que a Igreja torna-se um corpo vivo. [...] Devemos tomar parte na obra redentora de Cristo de maneira viva e ativa, parte que será passiva naquilo que o Senhor age em nós, mas também realmente ativa quando a ela nos associamos por uma ação. [...] Como é possível realizar uma obra tão elevada, em que Deus e o homem cooperam realmente e cada um segundo seu modo, Deus como agente principal, o homem como agente passivo, recebendo a ação divina e aí colaborando pela virtude de Deus? A resposta é dada pelo Senhor, que instituiu para nós os mistérios do culto, isto é, as ações sagradas que nós cumprimos, mas que o Senhor (pelo ministério dos sacerdotes da Igreja) realiza simultaneamente em nós. Por essas ações, podemos participar dos atos redentores de Cristo. (CASEL, 2009, p. 78)

A característica mais singular do rito é a sua repetição. O rito é uma ação programada e repetitiva. A repetição no rito cristão, como no hebraico, é memorial ou comemorativa. Mediante o conjunto das ações simbólicas ritualizadas, com as quais são constituídas as suas celebrações, a Igreja proclama que Deus opera, no ato litúrgico, o efeito salvífico das ações históricas passadas, das quais ela faz a comemoração. Naturalmente, no contexto cristão, no centro do rito memorial, está o acontecimento Cristo. (MARSILI, 1992).

O rito religioso realiza uma integração perfeita em dois níveis distintos, mas interdependentes: o primeiro e mais profundo é com o sagrado ou a realidade transcendente; o segundo é com o próprio grupo. Portanto, qualquer religião está ameaçada de desaparecer ou de degenerar em gnose ou moralismo, se perder o sentido e o ritmo do rito. O fato de o rito religioso ser considerado em primeiro lugar como uma linguagem, na qual a relação homem e transcendente se manifesta, é fundamental. A fé em Deus, o sentido de Deus, a escuta de Deus e o voltar-se para Ele são a matriz radical do autêntico rito religioso. Se não existir esta afirmação de Deus, ou então se ela não se realiza através do rito, este mesmo rito se torna formalismo. A fé exige ser tanto celebrada quanto vivida, pois é a ação sagrada da Igreja por excelência (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 10). Quando já não funciona como linguagem na qual o crente exprime a sua comunhão com Deus, o rito religioso perde o seu sentido.

Diante disso, Marsili (1992) sustenta que o rito cristão não se compara a uma narrativa mítica, mas a uma realidade plena

O rito litúrgico cristão tem enfim, como elemento diferenciador de toda outra forma ritual, aquele de fazer sempre referência a uma “realidade” plena, isto é em nível de evento que já se efetuou, e ele é apropriadamente “a imagem” daquele evento, na própria “semelhança”, que o liga a ele, traz o “sinal” da “realidade” a que se refere. [...] O rito tem como objetivo que o homem nele leia e veja algo, que está fora dele (mito); no rito cristão, este “algo” é a realidade de Cristo que se tornou presente nele. (MARSILI, 1992, p. 112-113)

Um número cada vez maior de estudiosos, como Marsili (1992), Aldazábal (2012) e Dalabeneta (2017), consideram o simbólico para o homem como o momento de plena realização na sua abertura ao transcendente e na sua dimensão social. A vivência simbólica torna-se um lugar privilegiado da relação entre sujeito e objeto, entre conhecimento e consciência, onde se exprime a própria substância da vida espiritual e onde a existência humana concreta encontra o seu enraizamento e o seu equilíbrio. Por isso, é preciso ter em conta que o ser humano é fundamentalmente aberto a uma realidade radical e última (pessoa absoluta), que constitui a instância definitiva (mistério).

As pessoas têm uma evidência clara da própria finitude essencial. Não se pode ser Deus, porém, sim, ser de Deus, ser para Deus. E esse mistério transcendente para o qual tendemos, tratamos de experimentar mediante os mesmos sinais que nos humanizam, pois nelas percebemos a presencialização do mistério que nos diviniza. Por essa razão o rito, dentro da liturgia, possui uma função de pedagogia divina:

Uma celebração sacramental é tecida de sinais e de símbolos. Segundo a pedagogia divina da salvação, o significado dos sinais e símbolos deita suas raízes na obra da criação e na cultura humana, adquire precisão nos eventos da antiga aliança e se revela plenamente na pessoa e na obra de Cristo. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1145).

Apresenta-se um elenco de mediações que ajudam a divinizar as pessoas e a sacramentalizar o mistério. Cada pessoa é corpo, cérebro, coração e espírito, e nada importante poderá alcançá-la se não toca todo o seu ser. Assim, a pessoa espiritualiza o corporal e corporaliza o espiritual. É nessa experiência que aparece o sinal e o símbolo, que é uma espécie de corporalização de tudo o que pertence ao terreno do espírito, do religioso. (DALABENETA, 2017).

Portanto, o símbolo é mediação entre a transcendência de Deus Pai e a nossa condição histórica e mundana. Na primeira evangelização e na catequese, os símbolos têm função de ser mediação religiosa do ser humano com o mistério. Por isso, religiosamente falando, o símbolo é linguagem mais comunicativa do que conceitual. É o epicentro de um dinamismo realizador da inter-relação comunicativa entre Deus e as pessoas, principalmente pela ação salvífica de Cristo entre nós.



Em sua pregação, o Senhor Jesus serve-se muitas vezes dos sinais da criação para dar a conhecer os mistérios do Reino de Deus. Realiza suas curas ou sublinha sua pregação com sinais materiais ou gestos simbólicos. Dá um sentido novo aos fatos e aos sinais da antiga aliança, particularmente ao Êxodo e a Páscoa, por ser ele mesmo o sentido de todos esses sinais. [...] Os sacramentos da Igreja não abolem, antes purificam e integram toda riqueza dos sinais e dos símbolos do cosmos e da vida social. Além disso, realizam os tipos e as figuras da antiga aliança, significam e realizam a salvação operada por Cristo, e prefiguram e antecipam a glória do céu. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1151-1152).

Em suma, a sensibilidade para os símbolos supõe, em todo ser humano, transcender-se, abrir-se, contemplar, adentrar, deixar-se abraçar, enamorar-se, ser celebrativo. Eles são os centros da vida profunda do ser humano, à medida que revelam os segredos do inconsciente, abrem-nos ao desconhecido, misterioso, infinito, pleno. Poderíamos afirmar que um mundo maravilhoso de símbolos religiosos vive em nós e que vivemos em um mundo imenso de símbolos que revelam velando, velam revelando e nos levam, em última instância, à mistagogia da fé, sendo eles constitutivos do rito, lugar do encontro pessoal com Jesus Cristo (GOUVÊA, 2019, p. 45).

## 1. 2 O Mistério e a salvação na liturgia da Santa Missa

A palavra “mistério” vem do latim *mysterium*; em grego *mysterion*, do verbo *myo* (fechar, ocultar). Daí que, no uso normal, pode ter o significado de algo escondido, difícil de entender. Mas, no uso religioso, esse termo é aplicado, sobretudo, nas religiões chamadas “mistéricas”, à celebração cúltica de um acontecimento salvador divino, celebração pela qual os iniciados entram em comunhão com esses fatos passados, mais ou menos históricos ou míticos, mas que se crê que transmitem a salvação (ALDAZÁBAL, 2007).

O mesmo autor afirma que, para São Paulo, o “mistério” é um conceito importante para entender Cristo e a salvação que ele nos comunicou. Mistério é o desígnio eterno de Deus pelo qual nos quer salvar e que se nos manifestou em plenitude em Cristo Jesus.

Porém, o mistério não consiste tanto numa verdade oculta, nem muito menos num rito celebrativo, mas na atuação salvadora de Deus: mais ainda, o mistério é o próprio Cristo, em pessoa (cf. Cl 1,27; 2,2; Ef 1,4-9; 3, 4-9). “Mistério” refere-se à celebração do culto, celebrar os mistérios, sobretudo, ao acontecimento salvífico por excelência, a morte e ressurreição de Cristo, que comunica isso sim, visível e sacramentalmente no rito litúrgico cristão. (ALDAZÁBAL, 2007, p. 184).

Por isso, como participação nesse mistério central que é Cristo e a sua Páscoa, chama-se “mistério”, no uso cristão e na liturgia atual, a várias realidades: por exemplo, os “mistérios da vida de Cristo”, celebrados ao longo do ano litúrgico. Mas, sobretudo na linguagem dos Padres e dos textos litúrgicos, antigos e atuais, “mistério” é muitas vezes sinônimo de “sacramento”, e quer indicar que na nossa celebração litúrgica se torna presente o acontecimento salvador de Cristo, desde o seu Nascimento até a sua Páscoa e a sua Ascensão. Bento XVI, na Exortação pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, reforça a importância da liturgia para que os fiéis possam imergir na celebração dos mistérios:

[...] por sua natureza, a liturgia possui uma eficácia pedagógica para introduzir os fiéis no conhecimento do mistério celebrado. Para que esse conhecimento seja captado pelos fiéis, é necessário percorrer um itinerário mistagógico em três passos. O primeiro passo é interpretar os ritos à luz dos acontecimentos salvíficos, em conformidade com a tradição viva da Igreja. O segundo, é introduzir os fiéis no sentido dos sinais contidos nos ritos. O terceiro, por fim, implica em mostrar o significado dos ritos para a vida cristã em todas suas dimensões. A introdução pedagógica aos mistérios, isto é, a mistagogia, é um caminho oportuno para Igreja difundir a fé e educá-la até a sua maturidade. (BENTO XVI, 2007, p. 67-69).

Na concepção de Augé (2007), “celebrar os santos mistérios” é celebrar a liturgia, sobretudo por sua sacramentalidade, pela qual entramos em comunhão privilegiada com o Mistério Pascal de Cristo. De modo particular, se aplica à Eucaristia, os “Mistérios do Corpo e Sangue de Cristo”. Uma das aclamações que, no coração da Eucaristia, sublinha a sua centralidade é a do “Mistério da fé!”, porque é a celebração que culmina e condensa a nossa salvação por Cristo e a sua comunicação a nós por parte do mesmo Senhor Jesus, agora Ressuscitado e realmente presente em toda a celebração.

O Catecismo da Igreja Católica (1999, n. 1068) intitula assim a sua segunda parte – “A celebração do mistério cristão” –, pois “é este o Mistério de Cristo que a Igreja proclama e celebra na sua liturgia, para que os fiéis dele vivam e dele deem testemunho no mundo”. Porque, por meio da liturgia, se realiza a obra da nossa Redenção e assim contribui para que os fiéis testemunhem no seu viver e manifestem aos outros tanto o Mistério de Cristo como a natureza genuína da verdadeira Igreja.

A expressão “mistério pascal”, também o termo “*mysterion*” vem ocupar posição central na Constituição sobre a liturgia *Sacrosanctum Concilium* e na reforma litúrgica pós-conciliar. Com a expressão “mistério pascal” os Padres do Concílio, mesmo sem entrar em uma discussão teológica ainda aberta, quiseram indicar algo muito central: aceitavam uma formulação agora já de uso comum, restabeleciam e rerepresentavam para ser adotada uma sacratíssima tradição doutrinal patrístico-litúrgica: a liturgia, no mistério, torna presente para

cada crente e para todos os crentes, de qualquer época, a plena realidade do *opus salutis*. (Cf. CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 02).

De acordo com Gouvêa (2019), somente a partir do movimento litúrgico do século passado e durante ele foi que se reconquistou a clara consciência do fato de que as realidades centrais da salvação a nós doadas em Cristo serem indicadas com o termo “mistério” é, na verdade, dado tradicional. Para tanto serviu de ocasião concreta a reflexão sobre o sentido genuíno e eventualmente sobre a correta tradução de conceitos do Missal Romano, em particular dos termos “*sacramentum/sacramenta*” e “*mysterium/mysteria*”.

A expressão “mistério pascal” foi assumida pela Constituição Conciliar sobre a Liturgia nos artigos fundamentais que tratam da natureza da liturgia, nos quais se acha bem expresso o que há de essencial na teologia dos mistérios. Deus quer a salvação de todos os homens e depois de haver falado por meio dos profetas, na plenitude dos tempos enviou o seu Filho como instrumento da nossa salvação, para reconciliar-nos plenamente e para instituir um culto perfeito.

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem o seu prelúdio nas admiráveis maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão... Pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a igreja. (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 5)

A mesma Constituição, em seguida afirma, que os apóstolos, enviados por Cristo, não só deviam anunciar a palavra, mas também realizá-la “por meio do sacrifício e dos sacramentos, em que se apoia toda a vida litúrgica. Assim, mediante o batismo, os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com ele mortos, sepultados, ressuscitados...”. E, depois de haver mencionado os outros sacramentos da iniciação, prossegue dizendo: “A partir de então, nunca a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar a leitura..., mediante a celebração da eucaristia, em que são representados a vitória e o triunfo da sua morte” (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 6).

Esta concepção da vida cristã apoiada no termo e no sentido de “mistério” permanece determinante para toda a reforma litúrgica pós-conciliar. Assim, convém ressaltar, ecoa com toda a clareza a intenção do Concílio: ele se propõe fomentar cada vez mais a vida cristã entre os fiéis:

Por isso, julga ser seu dever cuidar de modo especial da reforma da liturgia. Pois a liturgia, pela qual, principalmente no divino sacrifício da eucaristia, se exerce a obra da nossa redenção, contribui de modo mais excelente para que os fiéis expressem em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 2)

A concepção de Castellano sobre o mistério da liturgia na Igreja, onde não se celebre algo, mas alguém,

A liturgia, que é o mistério de Cristo presente em sua Igreja, exige um total envolvimento. Não se participa de alguma coisa, mas se celebra. Alguém. Não se delega a outros o compromisso de responder plenamente ao dom da Palavra, dos sacramentos e da Eucaristia, mas se é interpelado, de modo pessoal, a agir em “sinergia” com Cristo e com o seu Espírito e escutar a própria voz no coro da Igreja assembleia. [...] Dentro da celebração, somos interpelados a nos abrir ao mistério que se faz presente e no qual somos co-participantes. (CASTELLANO, 2008, p. 97).

Embora a etimologia explique as origens mais longínquas do termo “*mysterion*” em grego (e do termo latino “*sacramentum*”), a palavra grega já serviu aos apóstolos para explicar a vontade salvífica de Deus eterno e as ações salvíficas divinas em Cristo Jesus. Na teologia dos Padres, Gouvêa (2019) explica que o termo bem depressa se transformou em conceito central, que conseguiu abranger todo o fenômeno da realização da salvação divina em Cristo e na Igreja, especialmente nas ações culturais desta, e, ao mesmo tempo, indicar a grandeza de tais ações salvíficas divinas e a sua incompreensibilidade (cf. Ef 3,8).

Portanto, não é de admirar que os teólogos hodiernos e, enfim, o próprio magistério eclesial, tenha resumido este conceito, seguindo, sobretudo, as afirmações da liturgia romana, para esclarecer e explicar a ação salvífica de Cristo, a sua proclamação e realização no culto da igreja, em toda a atividade eclesial e na vida cotidiana dos cristãos, como grande realidade central e unitária da fé cristã e de toda a existência cristã: esta obra da redenção humana foi realizada por Cristo Senhor especialmente por meio do mistério pascal, e assim os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo através da Igreja, que jamais deixou de reunir-se em assembleia para celebrar o mistério pascal (ALDAZÁBAL, 2012).

### **1.3 A “preparação dos dons” como símbolo da união do homem com Deus**

Para Augé (2007), um só rito constitui a celebração, pois tem um começo, um desenvolvimento e um fim. Celebrar exige uma sequência harmoniosa do rito inteiro, que pode ser compreendido como uma palavra, uma ação ou um gesto, cuja maior característica é a repetitividade.

Depois, segue as diversas partes de toda celebração: os ritos iniciais, a Liturgia da Palavra, o rito da Liturgia eucarística, composto de vários ritos, como a preparação da Mesa do Senhor, a ação de graças pelo Mistério Pascal, o rito da Comunhão e os ritos finais. Todo

este conjunto de ritos, porém, formam o rito da Missa como um todo. (Cf. INSTRUÇÃO geral do Missal Romano, 2009).

Este rito não pode sofrer interrupções. Os diversos ritos que compõem o grande rito não podem aparecer como compartimentos estanques, interrompidos por ruídos e pausas mortas. Trata-se de um grande caudal, como um rio que vai fluindo, às vezes mansamente, outras vezes mais impetuosamente, porém, sem interrupções. Assim, tanto nas grandes partes do rito da Missa como em suas partes menores, existe uma conexão. Cada rito está ligado ao anterior e lança-se dinamicamente no seguinte, sem pausas mortas. Os próprios momentos de silêncio, como na música, não constituem pausas mortas, como que surpresas ou interrupções do grande fluxo do rito. O silêncio religioso acolhe, contempla o rito realizado e introduz no seguinte. O rito, no seu todo, não deve levar ao estresse, mas ao repouso em Deus, a uma profunda comunhão da assembleia, formando um só corpo em Cristo, comunhão com o Pai, por Cristo, no Espírito Santo. (Cf. FRANCISCO, 2018a).

A Santíssima Eucaristia é constitutiva do ser e do agir da Igreja. Por isso, a antiguidade cristã designava com as mesmas palavras – *Corpus Christi* – o corpo nascido da Virgem Maria, o corpo eucarístico e o corpo eclesial de Cristo. Bem atestado na tradição, esse dado faz crescer em nós a consciência da indissolubilidade entre Cristo e a Igreja (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 05). Oferecendo-Se a Si mesmo em sacrifício por nós, o Senhor Jesus preanunciou de modo eficaz no seu dom o mistério da Igreja. É significativo o modo como a Oração Eucarística II, ao invocar o Paráclito, formula a prece pela unidade da Igreja: “[...] participando no corpo e sangue de Cristo, sejamos reunidos, pelo Espírito Santo, num só corpo” (MISSAL ROMANO, 2006, p. 480). Essa passagem ajuda a compreender a eficácia do sacramento eucarístico, seja na unidade dos fiéis na comunhão eclesial. Assim, a Eucaristia aparece na raiz da Igreja como mistério de comunhão.

A apresentação das oferendas não é simplesmente uma espécie de “intervalo” entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística, o que faria, sem dúvida, atenuar o sentido de um único rito composto de duas partes interligadas; realmente, nesse gesto humilde e simples, encerra-se um significado muito grande: no pão e no vinho que levamos ao altar, também levamos toda a criação assumida por Cristo Redentor para ser transformada e apresentada ao Pai. Nessa perspectiva, levamos ao altar também todo o sofrimento e tribulação do mundo, na certeza de que tudo é precioso aos olhos de Deus. Esse gesto não necessita ser enfatizado com descabidas complicações para ser vivido no seu significado autêntico: ele permite valorizar a participação primeira que Deus pede ao homem, ou seja, levar em si mesmo a obra divina à

perfeição, e dar assim pleno sentido ao trabalho humano que, por meio da celebração eucarística, fica unido ao sacrifício redentor de Cristo. (FRANCISCO, 2018a)

Esses ritos sempre foram celebrados com símbolos, pois, toda a Liturgia faz uso de uma linguagem simbólica. Quando se usam estes termos pensa-se em símbolos que acompanham os dons no rito da preparação do altar. Mas, é preciso tomar cuidado, pois, os grandes símbolos do sacrifício eucarístico são o pão, o vinho e a água. Só tem sentido fazer acompanhar ou preceder estes símbolos por outros, se eles realmente ajudarem a compreender e a vivenciar os grandes e essenciais símbolos da Eucaristia.

O modo de presença de Cristo sob as espécies eucarísticas é único. Ele eleva a Eucaristia acima de todos os sacramentos e faz com que ela seja como que o coroamento da vida espiritual e o fim ao qual tendem todos os sacramentos. No santíssimo sacramento da Eucaristia estão contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo. Esta presença chama-se ‘real’ não por exclusão, como se as outras não fossem ‘reais’, mas por antonomásia, porque é substancial e por ela Cristo, Deus e homem, se torna presente completo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1374).

Assim, ao introduzir outros símbolos mais distraem do que ajudam a vivenciar o sentido místico da apresentação das oferendas. Quando bem compreendidos através de uma catequese litúrgica eficiente, não há necessidade de ilustrá-los com símbolos sobrepostos. Poderão ajudar em algumas circunstâncias, mas tais ‘símbolos’ não podem tornar-se quase necessários e automáticos em toda celebração. Eles não pertencem ao rito da preparação da Mesa do Senhor.

Na concepção de Aldazábal (2012), o rito da “preparação dos dons”, que no Missal Romano (2006) abre a segunda parte da missa ou “liturgia eucarística”, foi denominado por muito tempo “Ofertório”. O pão e o vinho, antes da consagração, podem ser designados como sacrifício, somente em sentido metafórico, porque o Novo Testamento não conhece qualquer outro sacrifício visível, em sentido cultural, a não ser o sacrifício de Cristo. Estes problemas já eram evidentes para os Padres do Concílio de Trento, que desejavam que tais textos fossem substituídos. Isto não aconteceu, porque se julgava que pertencessem à tradição patrística, desconhecendo-se que eles remontavam somente à alta ou tardia Idade Média.

Paulo VI (1997, n.04) faz referência ao texto do Concílio de Trento, afirmando que

O nosso Salvador, na última Ceia, na noite em que foi traído, instituiu o Sacrifício Eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue, para perpetuar o Sacrifício da Cruz pelos séculos afora, até à sua vinda, deixando deste modo à Igreja, sua diletta Esposa, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que se recebe Cristo, se enche a alma de graça e é dado o penhor da glória futura.

Com toda a justeza, portanto, a reforma do Vaticano II eliminou aquelas orações, substituindo-as por outras mais apropriadas e deu ao rito o nome de “preparação dos dons”, expressão que melhor indica a sua função no contexto da celebração.

Trazer o pão e o vinho ao altar não é só um rito funcional. A tradição (sobretudo a ocidental) viu ao longo dos séculos em tudo isto um símbolo da vida humana, de nossa história de cada dia e de nossa auto oferta a Deus. Sem nada tirar à verdadeira oferenda eucarística, centrada em Cristo e no memorial de sua morte, toda a celebração eucarística quer expressar que a comunidade se incorpora efetiva e ativamente ao sacrifício de Cristo. (ALDAZÁBAL, 2012, p. 430)

É naturalmente legítimo considerar os dons do pão e do vinho como símbolos da oferta de si mesmos por parte dos participantes. O povo de Deus deve, em qualquer tempo, abandonar-se inteiramente ao Pai, em obediência e confiança totais, e assim entrar em união com o único sacrifício redentor de Cristo. As ofertas são, portanto, uma forma de expressão do ingresso ativo no mistério de retribuição do sacrifício da nova aliança. As atuais orações da preparação dos dons manifestam exatamente estas ideias (INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, 2009, n. 75). Embora hoje os fiéis já não mais levem, eles mesmos, o pão e o vinho para a celebração eucarística, como antigamente era norma, todavia este gesto ainda conserva a sua força expressiva. Também o costume de levar, por parte dos fiéis, alguma coisa, ou de recolher dinheiro ou outros donativos para os pobres, encontram aqui a sua razão de ser.

Gouvêa (2019) traça um memorial da apresentação dos dons em sua reflexão. Ele diz que as gotas de água no vinho são um outro gesto simples e quase despercebido que foi mantido no Ordinário da Missa.

Ao preparar as oferendas, prepara-se o altar ou mesa do Senhor, que é o centro de toda a liturgia eucarística, colocando-se nele o corporal, o purificador, Missal e o cálice (INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, 2009, n. 73).

Os hebreus usavam vinho misturado com água na celebração da Páscoa. Consciente de que Cristo na última Ceia também usou vinho misturado, os cristãos faziam o mesmo na Celebração Eucarística. E muito cedo os Santos Padres, sobretudo São Cipriano, começaram a dar um significado a esta mistura de água no vinho. Reagindo contra aqueles que não celebravam a Eucaristia com pão e água, diz São Cipriano que se deve colocar ao menos um pouco de água no vinho. Se houver só água sem vinho, diz o santo, nós estamos sozinhos sem Cristo. O que não é possível. E se houver só vinho sem água, Cristo está sozinho sem nós. “De que adianta isso?”, pergunta São Cipriano. Com isso, ele quer dizer que a Eucaristia é o Sacrifício de Cristo e da Igreja, isto é, do Corpo Místico de Cristo. (ALDAZÁBAL, 2012).

Nas oferendas da Missa, encontra-se um duplo simbolismo. Por um lado, o pão e o vinho significam a vida, a existência do homem unida a Cristo. Por outro lado, temos a água em relação ao vinho. Agora, o vinho significa Cristo e a água o cristão que se oferece juntamente com Cristo. Gesto singelo, mas tão significativo! O que importa não é o sinal em si, mas o que ele significa; o que importa é a nossa atitude unida à de Cristo. Nesse sentido, o rito das ofertas expressa o mergulho do Cristão na vida de Cristo. Ratzinger (2012, p.120 apud ARAÚJO, 2018, p.62) afirma que “[...] conseqüentemente, para o Cristão, o rito, abrangendo Tempo e Espaço, é uma configuração concreta e a todos comum do modelo fundamental da adoração obtida através da Fé, envolve todos os aspectos práticos da vida”. Em outras palavras, a fé nos faz mergulhar no mistério insondável da eucaristia.

A partir dessa ação do sacerdote pode-se valorizar o momento da preparação das oferendas para dispor o nosso coração a participar melhor do Sacrifício Eucarístico, tornando-o também nosso sacrifício. Água é símbolo de vida em geral e da nova vida adquirida pela fé e pelo Batismo em particular. O povo sacerdotal nascido das águas do Batismo manifesta sua presença na Eucaristia pelas gotas de água colocadas no cálice com vinho. Por essa razão, o Papa Francisco nos orienta que ao participar da liturgia eucarística devemos ter sempre um olhar para o Cristo Crucificado, de onde emana toda redenção.

Sem dúvida, a nossa oferta é pouca coisa, mas Cristo tem necessidade deste pouco. O Senhor pede-nos pouco e dá-nos muito. Pede-nos pouco. Na vida diária, pede-nos a boa vontade; pede-nos um coração aberto; pede-nos a vontade de ser melhores, para receber Aquele que se oferece a si mesmo a nós na Eucaristia; pede-nos estas oblações simbólicas que depois se tornarão o seu Corpo e o seu Sangue. Uma imagem deste movimento oblato de oração é representada pelo incenso que, consumido no fogo, liberta uma fumaça perfumada que se eleva: incensar as ofertas, como se faz nos dias santos, incensar a cruz, o altar, o presbítero e o povo sacerdotal manifesta visivelmente o vínculo ofertorial que une todas estas realidades ao sacrifício de Cristo. (FRANCISCO, 2018a).

Chamar este momento só de “preparação das oferendas” poderia empobrecê-lo e esvaziá-lo de algo que a tradição litúrgica nos legou, e que nos faz compreender a Eucaristia numa dimensão profunda. No pão e no vinho, oferecemos simbolicamente algo de nós mesmos. O oferecimento principal será o da *anamnese*, na oração eucarística. No entanto, os gestos, as palavras e os conceitos da “oração sobre as oferendas” frequentemente assinalam, já desde agora, nossa assimilação ao que vamos celebrar. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n.1362).



## CAPÍTULO 2

### A TEOLOGIA DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA

No primeiro instante, a Eucaristia na abordagem de sacramento que nasce do mistério pascal de Cristo, percebendo o movimento teológico da páscoa dos judeus em direção à Páscoa de Cristo. Em seguida, o aspecto central da eucaristia que é o seu caráter memorial, sacrifício e de banquete. Por fim, a Eucaristia como presença real de Jesus entre nós, por meios dos sinais transubstanciados pela graça santificante do Espírito.

#### 2.1 A Eucaristia como Sacramento Pascal de Cristo

A palavra latina *sacramentum* no cristianismo às vezes é a tradução do termo grego *mysterion*. Mas, segundo Aldazábal (2012), quanto ao termo *mysterium*, deu-se-lhe, sobretudo, o sentido de uma realidade oculta, foi-se utilizando *sacramentum* para designar os sinais visíveis e eficazes das realidades divinas, as realidades místicas celebradas na liturgia cristã, pelas quais, Deus nos comunica a salvação na Igreja, pela participação no Mistério Pascal de Cristo (Cf. CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000).

O verdadeiro sacramento é Jesus Cristo. Como dizia Santo Agostinho, não há outro sacramento de Deus senão Cristo. Ele é o sinal vivo que nos exprime a salvação de Deus, contém-na em si mesmo, e no-la comunica eficazmente, agora, por meio da sua Igreja. Cristo não só instituiu os sacramentos, como ele próprio é o sacramento primordial e definitivo do encontro de Deus com a humanidade. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1114-1115).

Ora bem, o que Cristo tinha de “sacramento visível” passou agora à sua Igreja: “a Igreja, que em Cristo, é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium*, 2000, n. 1). Como sacramento, a Igreja “serve também de instrumento da redenção universal” (CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium*, 2000, n. 9), “sacramento universal de salvação” (CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium*, 2000, n. 48), por meio do qual Cristo manifesta e realiza ao mesmo tempo o mistério “do amor de Deus para com o homem” (CONSTITUIÇÃO *Gaudium et Spes*, 2000, n. 45). A missão da Igreja não se acrescenta à de Cristo e do Espírito Santo, mas é o sacramento dela.

Dentro dessa Igreja, toda ela sacramental, se configuraram, por vontade inicial de Cristo e por um desenvolvimento que a Igreja presenciou ao longo dos séculos, os sete sacramentos, no sentido próprio do termo: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio. Esses sete sacramentos

“atingem todas as etapas e todos os momentos importantes da vida do cristão: dão à vida de fé do cristão, origem e crescimento, cura e missão. Nisto existe certa semelhança entre as etapas da vida natural e as da vida espiritual” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1210).

O Catecismo da Igreja Católica (1999) reforça que os sacramentos, como “forças que saem” do Corpo de Cristo, sempre vivo e vivificante; ações do Espírito Santo em operação no seu Corpo que é a Igreja, os sacramentos são as obras-primas de Deus, na nova e eterna Aliança. Esses sete sacramentos, que são eficazes porque continuam a serem atos de Cristo ressuscitado e do seu Espírito, através da Igreja, manifestam e comunicam aos homens, sobretudo na Eucaristia, o mistério da comunhão do Deus-Amor, um em três Pessoas. Um aspecto teológico da Eucaristia é sua íntima conexão com a Páscoa de Cristo. É a perspectiva que encontramos tanto nos textos bíblicos como nos patrísticos e litúrgicos.

A Páscoa dos judeus, ainda que tenha sua origem primitiva nos ritos do cordeiro e do pão ázimo, respectivamente correspondentes à etapa de tribos nômades e sedentárias, não tardou em centrar-se no grande acontecimento do êxodo, que é libertação, aliança, organização como povo, proteção de Deus, peregrinação à terra prometida. Ele realizou plenamente e cumpriu as promessas. Como cabeça da nova humanidade, realizou o grande êxodo: em Jo 13,1 se vê claramente que a nova Páscoa é a “passagem” de Cristo ao Pai, o verdadeiro “trânsito”. Até este momento se fala, em João, da “participação dos judeus”, e daqui em diante, da “Páscoa de Cristo”, na qual conquistou a definitiva libertação para todos. A Páscoa tem suma importância na vida de Cristo, tal como a apresentam os evangelhos, sobretudo a última subida a Jerusalém, tão detalhada, com o prenúncio de sua morte e ressurreição. O Novo Testamento apresenta Cristo como o verdadeiro Cordeiro, a hora de sua morte é, para João, a hora da imolação dos cordeiros da Páscoa em Jerusalém. Por isso, Paulo poderá afirmar que Cristo, nossa Páscoa, foi imolado (1Cor 5,7), e Pedro poderá fazer sua catequese pascal centrada na morte de Cristo, em sua descida ao lugar dos mortos e em sua ressurreição. (ALDAZÁBAL, 2012, p. 295 - 296).

Os escritos litúrgicos, especialmente os da oração eucarística, tem como fundamento o entendimento da Eucaristia no memorial da Páscoa de Cristo. O prefácio da noite pascal, expressa lapidar mente: “nesta noite em que Cristo, nossa Páscoa, foi imolado. Ele é o verdadeiro Cordeiro, que tira o pecado do mundo [...]” (MISSAL ROMANO, 2006, p. 421).

Tem-se uma visão da Eucaristia a partir da Páscoa de Cristo. Lembrando que anterior ao prefácio da festa de *Corpus Christi* era o do Natal do Senhor. Sendo como chave para

entender isso Cristo, sua morte, ressurreição, o mistério da igreja, a vida do cristão e os sacramentos. Tudo isso vem da Páscoa de Cristo e nos insere no (batismo), concede-nos o espírito (confirmação), é a nossa refeição (eucaristia), nos liberta do pecado (reconciliação), nos concede a cura (unção dos enfermos), uni homem e mulher (matrimônio) e ordena ministros para a igreja (ordem). (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999).

A palavra “Páscoa” vem do hebraico *pesah*, que parece significar coxear, saltar, passar por cima, talvez aludindo algum salto ritual e festivo, e remete a ou lembra a os castigos infligidos pelos egípcios. (ALDAZABAL, 2007, p. 226).

Os cristãos e judeus juntos celebram a páscoa, na história, voltada para o futuro, no meio dos judeus, páscoa esta acontecida na morte e Ressurreição de Cristo, no meio dos cristãos, esperando a consumação dos tempos. Aos cristãos, o acontecido histórico é a morte e ressurreição de Cristo, o novo “êxodo”, sua subida deste mundo ao Pai: significando o sacrifício do verdadeiro cordeiro, nova aliança, constituição do novo povo. Tem-se na morte de Cristo, está a nova Páscoa, o verdadeiro sacrifício, a aliança definitiva. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1096).

Por isso, a igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não assistam a este mistério de fé como estranhos ou expectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, piedosa e ativamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações sejam instruídos na Palavra de Deus; alimentem-se na mesa do corpo do Senhor; deem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que dia após dia, por meio de Cristo mediador, progredam na união com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 48)

Conforme acima, como seguidores de Jesus, somos chamados a celebrar o memorial ou sacramento desta Páscoa, não uma vez ao ano, mas dominical ou dia após dia, na Eucaristia. A Eucaristia é vida, atualização e participação nessa Páscoa e em tudo que ela significa.

## 2. 2 A Eucaristia e o seu sinal central

No Catecismo que em seu artigo 1324, A Eucaristia é “fonte e ápice de toda a vida cristã” esta afirmação tirada da L.G. 11, e o Catecismo ainda vem afirmar que todos os outros sacramentos , e todos os ministérios eclesiásticos e múnus apostólicos , são unidos a Eucaristia, e se ordenando a Ela. Pois tal sacramento detém todo bem espiritual da Igreja, sendo o próprio Cristo, nossa Páscoa.

A Bíblia mostra enumera dicas da vida cotidiana dos povoados que utilizam o pão como um significado muito forte. Como em Gn 3,19, “Comereis o teu pão com o suor do teu rosto”, ou seja, quem trabalha tem o seu sustento, Is 58,7, “Partir o pão”, ou seja, se alimentar. Sl 42,4, “Comer o pão das lágrimas”, quer dizer mostra o sentido de que tem provações, Mt 6,11, na oração ensinada por Cristo, o “Pai-Nosso”, que ensina a pedir o pão de cada dia o alimento que é necessário ao corpo e outros, o vinho que era ofertado como libação no dia a dia no templo em Jerusalém, sendo fonte e sinal de vida, harmonia e aliança de Deus e seu povo. (MICHELETTI, 2013, p. 97-99)

No caso da Eucaristia, são o pão e o vinho que constituem este gesto simbólico.

“Ao se tornarem misteriosamente o corpo e o sangue de Cristo, os sinais do pão e do vinho continuam a significar também a bondade da criação. Assim, no ofertório, damos graças ao Criador pelo pão e pelo vinho, fruto do trabalho do homem, mas antes fruto da terra e da videira, dons do Criador [...]” Na antiga aliança, o pão e o vinho são oferecidos em sacrifício como primícias da terra, em sinal de reconhecimento ao Criador. Mas eles recebem também um novo significado no contexto do êxodo: os pães ázimos que Israel come cada ano na Páscoa comemoram a pressa da partida libertadora do Egito; a recordação do maná do deserto há de lembrar sempre em Israel que ele vive do pão da Palavra de Deus. Finalmente, o pão de todos os dias é o fruto da terra prometida, penhor da fidelidade de Deus às suas promessas. Jesus instituiu a sua Eucaristia dando um sentido novo e definitivo à bênção do pão e do cálice (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1333-1334).

Para o ser humano o pão é o alimento mais comum: sacia sua fome. Neste sentido, é o símbolo da própria vida. Fruto da terra: junta-nos, portanto, ao cósmico. É uma dádiva de Deus: “fazes brotar a erva para o gado e as plantas para uso do homem; para que tire da terra o pão e o vinho que alegra o coração do homem” (Sl 104,14-15), nos chamando a dar-lhe graças. sendo produto do trabalho humano e, portanto, expoente de uma determinada cultura e de uma civilização. É causa e símbolo da alegria, da convivência, da harmonia.

Recebendo o único Pão, entramos nesta única vida e tornamo-nos assim um único Corpo do Senhor. Fruto da Eucaristia é a união dos cristãos, antes dispersos, na unidade do único pão e do único corpo. É por esse mesmo motivo, que só pode ser recebida na unidade com toda a Igreja, superando toda a separação religiosa ou moral. (ASSEMBLEIA..., 2004).

A partir das interpretações dos excertos bíblicos a seguir, percebemos que o vinho também tem um rico simbolismo natural, polivalente, além de seu valor como bebida para saciar a sede. É a bebida festiva, não tão primordial quanto à água, mas bem mais significativa em relação à vitalidade humana (Cf. Sl 104, 13-15; Pr 31, 6-7; Is 25, 6; Am 9, 14; Zc 9, 17), da alegria, da inspiração, da amizade e da aliança. Já vimos a importância que o vinho tem na ceia pascal dos judeus, com a tendência de uma visão escatológica para os tempos messiânicos. O próprio Cristo anuncia os bens do Reino sob a figura do “vinho novo”, como nas bodas de Caná. O vinho nos lembra também o sangue que, para os judeus, constitui o mais íntimo e sagrado de um vivente e se identifica com a vida (Cf. Dt 32, 14; Lv 16, 11-13; 17, 10-14). Cristo relacionou este vinho da ceia com seu sangue derramado na cruz.

São Cipriano, bispo da África, explica:

A água representa o povo; o vinho, o sangue de Cristo. Quando no cálice a água se mistura com o vinho é a imagem do povo que se une ao Cristo, a multidão dos cristãos que se incorpora a Ele. Essa união e incorporação de água e vinho é tão íntima no cálice do Senhor que já não pode a mistura separar-se. É o que se dá a Igreja, isto é, a multidão dos fiéis que a constitui: enquanto perseverar na sua fé, nada conseguirá separá-la de Cristo. (GAMBARINI, 2005, p. 56).

Misturar água no vinho era, no início, hábito nos tempos de Cristo, pois o vinho fabricado era muito forte e era bebido misturado com água. Os cristãos continuaram fazendo o mesmo. Foi o que São Justino, nos disse, em meados do século II. A essa mistura, que era funcional ou natural, logo se atribuiu um sentido simbólico: a Cristo, que é o vinho, une-se inseparavelmente a humanidade, que é a água. Este é o argumento que lemos na carta de São Cipriano (Cf. AQUINO, 2021b, Apud).

Que estes dois elementos sejam básicos de nossa Eucaristia, isto nos lembra simbolicamente a proximidade com o nosso mundo, com nossa história de luta pela substância e pela busca de fraternidade. Não são algo estranho e esotérico, mas entranhável e bem nosso. É como se Cristo, ao escolhê-los, tivesse querido dar um “sim” à natureza humana, à alegria e à solidariedade. Além da teologia, (no que se convertem esse pão e esse vinho, conta também a antropologia, que intenção significativa tem o próprio gesto de comer e beber com os outros). Além do simbolismo humano, na Eucaristia o pão e o vinho têm um novo sentido: aqui foram assumidos pelo Ressuscitado e dados à comunidade como sua própria pessoa, seu corpo entregue e seu sangue derramado na cruz. Agora é Cristo mesmo a comida e a bebida de vida eterna. Ele que disse “eu sou o pão da vida” e “eu sou a videira”, escolheu o pão e o vinho para seu sacramento mais entranhável de comunicação, que

não acaba nos elementos, mas nas pessoas dos fiéis que os recebem. O pão é um símbolo bem apto para designar seu corpo entregue. O vinho, para seu sangue derramado. (ALDAZÁBAL, 2012, p. 306-307).

O que se faz “formalmente” com o pão e o vinho em nossa Eucaristia? Qual é a ação que define mais propriamente este sacramento: Eucaristia, Ceia do Senhor, Fração do Pão, Assembleia Eucarística (*synaxis*), ação de graças, o sacrifício, a consagração, a refeição, a caridade? O elemento em si não é o sinal: é a ação que realizamos com eles que constitui o sinal sacramental e nos leva a conhecer melhor a identidade da Eucaristia. Na Santa Missa nos mostra e nos ensina que a mesma não termina com a bênção final e a despedida, mas que é aí que ela se inicia e o cristão deve sair em missão e fazer a vontade de Deus, levar a sua Palavra a todos. (Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1328-1332).

Não é questão indiferente: na celebração da Eucaristia temos os dois pontos, e um só mistério, o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, e temos que o altar é o próprio Cristo no meio dos fiéis reunidos, o aspecto formal pelo qual se começa a compreender a Eucaristia, ao qual se ordenam todos os demais, ou do qual derivam. O próprio nome do que celebramos costuma apontar para o que consideramos sua ação mais formal: faz diferença chamá-la de “Eucaristia”, de “ceia” ou de “sacrifício”. Chamá-la de “Eucaristia” aponta para Deus. É o que também conota o nome “anáfora”: elevação para Deus. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n.1383).

Denominar como “ceia do Senhor” ou “refeição fraterna” colocamos em um sentido mais horizontal de comensalidade como que tendo de direção vertical (comemos a Cristo, nosso alimento) e horizontal (crescemos em fraternidade). A “refeição” é a ação formal: as outras emanam dela. Supõem-se como essencial o caráter sacrificial, então torna-se normal chamar a Eucaristia de “sacrifício da missa”, “oblação”, se grifar, sobretudo, sua compatibilidade com o sacrifício de Cristo na cruz. (ALDAZÁBAL, 2012, p.309).

Porém, não é nenhuma dessas a forma essencial da Eucaristia, mas é a consagração entendida não como as “palavras da consagração”, a epiclese, na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais a força do Espírito Santo para que os dons oferecidos pelo ser humano sejam consagrados, isto é, se tornem o Corpo e Sangue de Cristo, e que a hóstia imaculada se torne salvação daqueles que vão recebê-la em comunhão. (INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, 2009, n.79)

Na Última Ceia de Jesus, que não era só prenúncio, mas nos dons eucarísticos compreendia também uma antecipação de cruz e ressurreição, acaba ainda bem depressa, por

ser considerada como Páscoa, como a sua páscoa. E o era verdadeiramente. (RATZINGER, 2017, p. 111)

O fator global e unificador pode muito bem ser considerado a chave pascal. A reunião, a proclamação da palavra, o memorial da aliança e do sacrifício da cruz, a atual ação transformadora de Deus e a perspectiva escatológica: tudo isto na forma de comer o pão e beber o vinho. A Eucaristia como celebração pascal é a participação (não só a lembrança ou o louvor) da ação salvífica pascal de Cristo em sua morte e ressurreição, no marco de uma comunidade de fé que escuta culticamente a palavra, dá graça de Deus, renova sua aliança com Ele e participa do pão e do vinho que o Espírito Santo transformou no corpo e sangue do Ressuscitado, como sinal e primícias da transformação universal (ALDAZÁBAL, 2012, p. 310).

Mediante o que se escreveu, o sinal humano que mais faz reflexão teológica atual é, seja, o de comida, como sendo à vontade radical do Senhor: “tomai e comei”. A comunhão eucarística é o momento em que mais nos aproxima de nós. E é o onde participamos mais profundamente de seu sacrifício pascal, que Ele mesmo se faz presença em nossa celebração, momento em que a comunidade se reúne para cumprir a memória de sua Páscoa. É refeição sacrificial, ou é sacrifício participado sacramentalmente na refeição.

### **2. 3 Eucaristia: presença real do Senhor ressuscitado**

Na sua “Profissão de Fé”, o conhecido “Credo do Povo de Deus”, o Papa Paulo VI afirmou:

“Cremos que o pão e o vinho consagrados pelo Senhor, na Última Ceia, foram mudados no seu Corpo e no seu Sangue, que iam ser oferecidos por nós na Cruz, assim também o pão e o vinho consagrados pelo sacerdotes se mudam no Corpo e no Sangue de Cristo glorioso que está no céu, e cremos que a misteriosa presença do Senhor naquilo que misteriosamente continua a aparecer aos nossos sentidos do mesmo modo que antes, é uma presença verdadeira, real e substancial”(Cf. Dz. Sch. 1651). (AQUINO, 2006, p. 56-57)

Cristo se acha e quer se fazer presente no meio de nós, de maneira atual e atuante, através de seu Corpo glorioso, Ele quer que sintamos a sua presença e que confiemos que Ele se faz presença no meio de nós, a todo e qualquer momento, vemos em Mt 18,20 “Pois onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, ali estou no meio deles”. Seguindo este pensamento, concluímos que o Senhor se faz presente, oferecendo-se em comunhão com sua vida divina.

Cristo, não é uma “coisa” que se torna presente a nós, mas uma pessoa viva que se faz doação e alimento para pessoas vivas. E é uma pessoa já gloriosa e escatológica que, por isso mesmo, é corpo plenamente presente para a doação e a comunhão plena” (ALDAZÁBAL, 2012, p. 316).

Antes de qualquer coisa, a Eucaristia é a presença do Ressuscitado no meio de nós, no meio da comunidade reunida, como em Emaús (Lc 24,13-35). Não devemos viver como os discípulos de Emaús, não podemos e não devemos deixar que as aflições e desilusões venham a nos cegar a ponto de não conseguirmos enxergar o Cristo presente e vivo em nossas vidas, se mostrando vivo e ressuscitado e pronto a fazer parte de nossa vida.

Sentado à direita do Pai e derramando o Espírito Santo em seu Corpo, que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, instituídos por Ele para comunicar a sua graça. Os Sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1084)

O Catecismo nos diz que a presença de Cristo através da Eucaristia é ímpar e que Ela esta acima de todos os demais sacramentos, sendo que é o cume da vida espiritual e desfecho aos outros sacramentos. E nos aponta o Santíssimo Sacramento da Eucaristia como estando contida verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e Sangue, junto com toda a sua alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, está o Cristo todo. Onde é chamada de presença “real”, porque através dela Cristo Deus e homem, se faz presença por completo. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1374).

Tal invocação se faz presente nas orações do Missal Romano (2006), onde é uma expressão clara de nossa fé no que é o Espírito, a força vivificadora de Deus, que torna possível este mistério da presença e doação de Cristo à sua comunidade no pão. O Espírito doador de vida que torna real a presença de Cristo no meio dos seus, é o mesmo Espírito que da criação do Gênesis, da encarnação no seio da Virgem Maria, da ressurreição de Cristo e do acontecimento de Pentecostes para a primeira comunidade cristã. E é Ele que dá a nova vida escatológica ao pão e o vinho, convertendo-os no corpo e sangue do Senhor.

Para que se possa entender a Eucaristia como presença de Cristo, deve não olha-la de maneira coisificada. Ele se faz presença, se mostra, arroga o pão e o vinho, porém não é a finalidade última do sacramento, mas sim a comunidade, somos nós. A presença de Cristo é real, corporal, mas somente através de sua vida de glorificado, é a maneira que se pode chegar à comunhão total. (ALDAZÁBAL, 2012, p.322)



Grande é o mistério da presença real de Jesus Cristo! Para o Vaticano II, tem o mesmo sentido da definição de Trento: com a *transubstanciação*, o Senhor torna-Se presente no seu corpo e sangue. Os Padres Orientais falam de *metabolismo* do pão e do vinho em corpo e sangue. São dois modos significativos de conjugar razão e mistério, porque, como afirmou Paulo VI, a presença eucarística “constitui, no seu género, o maior dos milagres. (ASSEMBLEIA..., 2004).

Cristo se faz presente a nós, para que entremos em comunhão com Ele. A sua presença no pão e no vinho é o meio escolhido por Ele para que se tornasse possível a nossa inserção em sua nova aliança. Ao escolher a comida como símbolo, externa a profundidade deste encontro interpessoal com sua comunidade, entretanto, não é a única, mas é, certamente a mais densa e privilegiada, porque Cristo se faz nossa comida, para comunicar-nos sua própria vida. Porém, na própria celebração, Cristo se torna presente na Palavra proclamada. Ele é Palavra definitiva do Pai à humanidade, a Palavra no sentido bíblico mais denso, a encarnação pessoal da palavra viva e eficaz de Deus. Cristo se dá a nós primeiro como Palavra salvadora, antes de se dar como alimento eucarístico. E ainda antes, Cristo se acha presente na comunidade reunida e em seu presidente, que faz às vezes de Cristo, e o visibiliza como cabeça dessa mesma comunidade. A comunidade reunida é o primeiro sacramento – sinal eficaz –, o primeiro “lugar” da presença operante do Senhor (Mt 18,20). E o presidente tem o ministério de visibilizar Cristo Jesus, que é o autêntico presidente, mestre e sacerdote da comunidade, pois atua “*in persona Christ*”.

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente em sua Igreja, e especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, tanto na pessoa do ministro que agora se oferece pelo ministério sacerdotal é o “mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz”, como sobretudo nas espécies eucarísticas. (...) Está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras. Está presente, por fim, quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles (Mt 18,20)” (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 7).

A presença real e pessoal do Senhor em nossa celebração eucarística está intimamente ligadas entre si: Ele está presente a nós, Ele se dá a nós como palavra salvadora e dá como alimento de vida eterna. (ASSEMBLEIA..., 2004, *online*). A presença chega à plenitude na doação eucarística, mas já é real e ativa antes, na assembleia e, na palavra proclamada. Esta visão global da multiforme presença pessoal do Senhor em nossa vida e em nossa celebração sacramental não diminui o valor e a admirável profundidade de sua presença no pão e no vinho eucarístico. Ao contrário: vemos assim a progressiva densidade de sua presença, que culmina em sua doação no pão e no vinho como alimento escatológico à sua comunidade. Toda presença de Cristo é “real”, pessoal, ativa e salvadora. E é dentro de todo esse conjunto de manifestações que brilha com luz a presença eucarística.

## CAPÍTULO 3

### A COMUNHÃO COM JESUS NA EUCARISTIA E A VIDA CRISTÃ

Parte do princípio que a Eucaristia e a vida cristã estão intimamente ligadas e que a comunhão com o Senhor é sinal e fonte de unidade, aborda o sacramento da Eucaristia como o ápice de todo o crer, celebrar e viver (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007) e demonstra que esse “augustíssimo sacramento” deve fazer parte da vida cristã cotidiana, de modo que se possa vivenciá-lo de maneira plena, ativa e consciente.

#### 3.1 A Comunhão Eucarística como sinal de unidade

O “Amém” final da doxologia da Oração Eucarística confirma e encerra a oração eucarística. Com esta aclamação termina a parte central da celebração que se encaminha para seu desfecho (INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano, 2009).

De fato, o sacrifício alcança o seu verdadeiro significado somente se desemboca na comunhão, plena participação, a oferta e ponto de partida para a transformação de quem participa da mesma (MIRANDA, 2015). Embora do ponto de vista ritual seja muito simples, a comunhão constitui na celebração da missa uma parte essencial, que se reporta às palavras de Cristo: “Tomai e comei, isto é o meu Corpo... Bebei todos, porque isto é o meu sangue” (Mt 26,26-28).

Observa-se, antes de tudo, que a missa é ao mesmo tempo e inseparavelmente: *sacrifício*, no qual se perpetua o sacrifício da cruz; *memorial* da morte e da ressurreição do Senhor; e *convite sagrado* no qual participamos dos benefícios do sacrifício pascal.

Depois do “amém” que encerra a oração eucarística, poder-se-ia passar imediatamente à comunhão. É assim que nos conta Justino no século II, não assinalando nenhum dos elementos intermediários que temos agora. Mas as gerações seguintes – inclusive a nossa, com o gesto da paz – acharam conveniente que o momento central do sacramento, a comunhão com Cristo, fosse preparado com orações e gestos simbólicos. (ALDAZÁBAL, 2012, p. 442)

A comunhão eucarística deve, portanto, ser considerada neste contexto unitário. Foi apresentada, ao invés, frequentemente sob o aspecto exclusivamente de convívio e, portanto, com uma importância insuficiente à sua dinâmica sacramental. A dimensão de convívio é, por certo, essencial à Eucaristia. No entanto, ela não é primária, mas é consequência do fato de

que a missa é o modo de estarmos presentes no sacrifício do Calvário através da mediação do sinal convivial no cenáculo. Quando recebemos a comunhão, portanto, não nos limitamos a receber um alimento espiritual que dá força, como em certa época os judeus receberam o maná que vinha do céu.

Na concepção de Miranda (2015), a imagem do maná merece respeito, porque Jo 6 a coloca mais ou menos nos lábios de Jesus, ela é insuficiente para exprimir em plenitude o mistério eucarístico. Não se pode limitar a considerar a alimentação eucarística em analogia com a nutrição dos alimentos físicos, que é necessária para viver e agir. A comunhão eucarística é também isto, mas ao mesmo tempo é muito mais.

Não se pode compreender a comunhão eucarística plenamente a não ser à luz da súplica epiclética da oração eucarística.

Na formação mais clara daquela súplica, o termo “corpo” aparece duas vezes: a primeira vez em referência ao pão, para que seja transubstanciado no corpo pessoal e sacramental de Cristo – em conexão íntima e imediata com a narrativa institucional; e a segunda vez em referência a nós, para que sejamos transformados no corpo místico da Igreja. (Cf. MISSAL ROMANO, 2006).

Portanto, quando nos reunimos para celebrar a Eucaristia e nos dispomos a comungar, nós acionamos todas as fontes da dinâmica mistérico-sacramental.

Através da repetição ritual dos sinais manifestados na última ceia, buscamos a redenção no único e inesgotável sacrifício da cruz (AUGÉ, 2007). Somos reunidos “num só corpo”, o corpo eclesial, misterioso, escatológico, aquele corpo que é “já e ainda não” tal corpo; e pedimos que isto se realize através da comunhão com o corpo e sangue de Cristo. Interpretada desta forma à luz da dinâmica sacramental, a nossa comunhão nos imerge no mistério da Igreja. De fato, os dois corpos de Cristo – o corpo sacramental e o corpo eclesial – são inseparáveis um do outro (Cf. MIRANDA, 2015).

O corpo sacramental não nos foi dado e não nos é dado sobre nossos altares, principalmente para que o contemplemos e o adoremos, mas sim para que, comunguemos com Ele, sofremos repetidas vezes no “corpo de Cristo que é a Igreja” (cf. Cl 1,24). “Como a Igreja faz a Eucaristia, assim a Eucaristia faz a Igreja”. (MIRANDA, 2015).

O rito da fração do pão remonta ao próprio Cristo e é lembrado em cada uma das quatro narrativas da instituição. (MIRANDA, 2015). A expressão “partir o pão” foi usada muito cedo para indicar o rito eucarístico. Os cristãos de Jerusalém “eram assíduos [...] na fração do pão” (At 2,42) e “partiam o pão em casa” (At 2, 46). A própria arte cristã primitiva representou a Eucaristia com a imagem da fração do pão. Desde o início, ao partir do pão foi

atribuído um significado simbólico, que no decurso dos séculos teve vários desdobramentos. São Paulo afirma que o pão, que é partido, e do qual todos podem participar, é o símbolo da unidade e da comunhão dos fiéis entre si como membros da Igreja, e também, e especialmente, da união com Cristo (1Cor 10, 16-17).

Depois da fração do pão, o sacerdote deixa cair um fragmento da hóstia no cálice, dizendo: “Esta união do Corpo e do Sangue de Jesus, o Cristo e Senhor Nosso, que vamos receber, nos sirva para a vida eterna” (MISSAL ROMANO, 2006, p. 502).

Este rito tem uma história muito complexa porém, abordaremos sobre o seu sentido simbólico. A união dos dois dons eucarísticos é considerada como sinal da reunificação do Corpo e do Sangue do Senhor, separados com a sua morte na cruz, isto é, como figura da sua ressurreição. Por meio das palavras da consagração, o pão e o vinho se transformam nas espécies separadas do Corpo e do Sangue do Senhor sofredor e preparado para a morte; antes de recebê-los em comunhão, estes dons sagrados devem ser representados, simbolicamente, como o Senhor ressuscitado, alimento para a vida eterna dos fiéis. Em Miranda (2015) “o Corpo e o Sangue de Cristo formam essencialmente uma coisa só, de forma que, quem recebe o Cristo sob uma só espécie, sabe que está recebendo o único Senhor ressuscitado que promete, aos que recebem seu Corpo e seu Sangue, a participação na sua vida gloriosa.”

O pequeno gesto acompanha a fração: a *mistura* de um fragmento do pão no cálice, que o Missal indica sem dar uma interpretação explícita para tal gesto. É um gesto universal de todas as liturgias, antiquíssimo, que certamente aponta para o simbolismo de um Cristo que se nos dá como Ressuscitado. Se a consagração do pão e do vinho separados pudesse dar a impressão de uma separação sacrificial, a união do pão e do vinho consagrados, antes da comunhão, quer manifestar ritualmente que Cristo se nos dá em sua qualidade de ser vivificado pelo Espírito, ao mesmo tempo que sublinha a unicidade do sacramento em seus dois sinais. (MIRANDA, 2015).

### **3. 2 A Eucaristia como centro e ápice da vida cristã**

O Concílio Vaticano II afirma a Eucaristia como sendo “fonte e ápice de toda a vida cristã” e que Nela está todo o tesouro espiritual da Igreja. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, n. 1324; CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium* 2000, n. 11).

O Papa João Paulo II (2003, n.7), citando o *Presbyterorum Ordinis*, enfatiza que é o próprio Cristo, nossa Páscoa e pão vivo que se doa a toda a humanidade.

## A Santíssima Eucaristia é

O sacramento central dos cristãos, o alimento sacramental em que Jesus Cristo se dá à sua comunidade, sob o sinal do pão e do vinho, para torná-la participante da sua própria Pessoa Gloriosa, do seu Corpo e Sangue, entregues de uma vez por todas na cruz e, agora, na sua existência pascal escatológica. A palavra Eucaristia vem do grego *eu* + *charis* = “boa graça” (em sentido descendente); ou “ação de graças” (em sentido ascendente). Quando os Evangelhos descrevem os gestos da Última Ceia, recordam que Jesus “tomou o pão e deu graças” (*eucharistesas*). Não é de estranhar, portanto, que por volta do ano 100 o nome Eucaristia se acrescentasse às outras denominações usadas pelas primeiras comunidades para designar esse sacramento: Fração do pão e Ceia do Senhor. A seguir, chamar-se-ia *Synaxis* (reunião, ação conjunta), Missa etc. (ALDAZÁBAL, 2007, p.112)

Os Evangelhos sinóticos e Paulo (cf. 1Cor 11,17-34) transmitem-nos como Cristo, na sua ceia de despedida, encarregou a comunidade de celebrar o sacramento do seu Corpo entregue e do seu Sangue derramado, sob a forma do pão e do vinho. Como a Última Ceia foi um sacramento antecipado da sua entrega na cruz, a Eucaristia será, até o final dos tempos, o memorial do seu sacrifício pascal.

A Igreja, convencida, desde o princípio, de que, nesse sacramento, Cristo se torna realmente presente na comunidade reunida, na Palavra proclamada e, sobretudo, no pão e no vinho, que a palavra de Cristo e a ação do Espírito Santo convertem no seu Corpo e Sangue, há dois mil anos que se reúne, sobretudo no domingo, no dia do Senhor Ressuscitado, para celebrar a Eucaristia. Esta, desde muito cedo, se estruturou com uma primeira parte de escuta da Palavra e uma segunda de Oração Eucarística e Comunhão: a dupla mesa para a qual Cristo convida os seus.

As duas partes de que se compõem de certa forma a Missa, isto é, a Liturgia da palavra e a Liturgia eucarística, estão tão essencialmente unidas, que formam um só ato de culto. Por isso, o sagrado Concílio exortou com veemência os pastores de almas a instruírem bem os fiéis, na catequese, para que participem na Missa inteira, especialmente nos domingos e festas de preceito (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, 2000, n. 56).

O Catecismo da Igreja Católica (1999) assim descreve os frutos da Comunhão eucarística: pela Eucaristia a comunidade une-se mais ao seu Senhor (“Quem come minha Carne e bebe o meu Sangue permanece em mim e eu nele... Eu vivo pelo Pai, também o que me come viverá por mim”: Jo 6, 56-57); robustece-se na sua luta contra o mal e o pecado; cresce na fraternidade eclesial (“Uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque participamos desse único pão” (1 Cor 10,16-17)), enquanto sente o desejo de poder celebrá-la em plena unidade com todos os cristãos. Ao mesmo tempo, sente-

se interpelada pela atitude fundamental de Cristo – a sua entrega pelos outros – e procura imitá-lo com um comportamento em favor dos pobres (CATECISMO DA IGREJA CATOLICA, 1999, n. 1391-1397).

Como já dito anteriormente, a Eucaristia é centro e ápice de toda a vida cristã, como fonte primordial de que se alimenta toda a nossa existência cristã. Os sacramentos são meios eficazes da graça. Todos em sua peculiaridade específica nos incorporam ao ministério pascal de Cristo. Nesse sentido, a Eucaristia é o sacramento por antonomásia. Como nenhum outro sacramento, diz relação direta à obra redentora de Cristo.

Na Última Ceia, a noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de Seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o Sacrifício da Cruz, confiando destarte à Igreja, Sua dileta Esposa, o memorial de Sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória (CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*, n. 47).

Sob a forma de memorial da Última Ceia de Jesus com seus apóstolos, é a perpetuação no tempo do único sacrifício da cruz. Como celebração sacramental, a Eucaristia é expressão e realização de comunhão do crente com o mesmo corpo vivificado do Salvador. Desta forma, a vida própria de Jesus Cristo ressuscitado se expande por todos os membros que formam seu corpo em forma de alimento espiritual.

O Papa Bento XVI, na Encíclica *Sacramentum Caritatis*, retomando as palavras dos padres sinodais, afirma que o amor à Eucaristia leva a apreciar cada vez mais também o sacramento da Reconciliação.

Por causa da ligação entre ambos os sacramentos, uma catequese autêntica acerca do sentido da Eucaristia não pode ser separada da proposta de um caminho penitencial (1Cor 11, 27-29). Constatamos que, em nosso tempo, os fiéis se encontram imersos numa cultura que tende a cancelar o sentido do pecado, um relativismo desenfreado, favorecendo um estado de espírito superficial, que leva a esquecer a necessidade de estar na graça de Deus para se aproximar dignamente da comunhão sacramental. Na realidade, ele afirma que a perda da consciência do pecado engloba sempre também uma certa superficialidade na compreensão do próprio amor de Deus. Por isso, é sempre muito útil para os fiéis recordarem os elementos que, no rito da Santa Missa, explicitam a consciência do próprio pecado e, simultaneamente, da misericórdia de Deus. Além disso, a relação entre a Eucaristia e a Reconciliação recorda-nos que o pecado nunca é uma realidade exclusivamente individual, mas inclui sempre também uma ferida no seio da comunhão eclesial, na qual nos encontramos inseridos pelo Batismo (BENTO XVI, 2007, p. 26-27).

Os sacramentos são uma realidade que pertence à Igreja peregrina no tempo rumo à plena manifestação da vitória de Cristo ressuscitado, é igualmente verdade, que, sobretudo na

liturgia eucarística, é dado saborear antecipadamente a consumação escatológica para a qual todo o homem e a criação inteira estão a caminho (Rm 8,19 ss.).

O homem é criado para a felicidade verdadeira e eterna, que só o amor de Deus pode dar; mas a nossa liberdade ferida extravaiar-se-ia se não lhe fosse possível experimentar, já desde agora, algo da consumação futura. Aliás, para poder caminhar na direção justa, o homem necessita estar orientado para a meta; esta, na realidade, é o próprio Cristo Senhor, vencedor do pecado e da morte, que Se torna presente para nós de maneira especial na celebração eucarística. Desse modo, embora sejamos ainda ‘estrangeiros e peregrinos’ (1Pd 2,11) neste mundo, pela fé participamos já da plenitude da vida ressuscitada. O banquete eucarístico, ao revelar a sua dimensão intensamente escatológica, vem em ajuda da nossa liberdade a caminho (BENTO XVI, 2007, p. 38-39.).

Da relação entre a Eucaristia e os outros sacramentos juntamente com o significado escatológico dos santos mistérios que irrompe o perfil da vida cristã, chamada a ser em cada instante culto espiritual, oferta de si mesma agradável a Deus. E, se é verdade que nos encontramos todos ainda a caminho rumo à plena consumação da nossa esperança (Rm 12, 12), isso não impede de podermos já agora reconhecer, com gratidão, que tudo aquilo que Deus nos deu se realizou perfeitamente na Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa: a sua assunção ao céu em corpo e alma é, para nós, sinal de segura esperança, enquanto nos aponta a nós, peregrinos no tempo, aquela meta escatológica que o sacramento da Eucaristia desde já nos faz saborear.

Por isso, sempre que na liturgia eucarística nos aproximamos do Corpo e do Sangue de Cristo, dirigimo-nos também a Ela que, por toda a Igreja, acolheu o sacrifício de Cristo, aderindo plenamente a Ele. Justamente afirmaram os padres sinodais que “Maria inaugura a participação da Igreja no sacrifício do redentor”. Ela é a Imaculada que acolhe incondicionalmente o dom de Deus, e dessa forma fica associada à obra da salvação. Maria de Nazaré, ícone da Igreja nascente, é modelo para cada um de nós saber como é chamado a acolher a doação que Jesus fez de Si mesmo na Eucaristia. (BENTO XVI, 2007, p. 41.).

### **3. 3 A relação da Eucaristia com a vida cotidiana**

João Paulo II (2003), diz o quão necessário e indispensável é a Eucaristia na vida dos fiéis, em sua vida cotidiana e que, já nos primórdios Cristo falou de sua carne como sendo o banquete, e que já era vital que Dele se alimentasse para obter a salvação, e para nós nos dias atuais nos serve como vida e vida plena, salvação e redenção.

A Eucaristia é verdadeiro banquete, onde Cristo se oferece como alimento. A primeira vez que Jesus anunciou este alimento, os ouvintes ficaram perplexos e desorientados, obrigando o Mestre a insistir na dimensão real de suas palavras: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós (Jo 6,53). Não se trata de alimento em sentido metafórico, “pois minha carne é verdadeira comida e meu sangue verdadeira bebida” (Jo 6,55). (JOÃO PAULO II, 2003, p. 19)

Destarte, não podemos nos esquecer em nenhum só momento que a missão primeira e fundamental, que deriva dos santos mistérios celebrados, é dar testemunho com a nossa vida. O enlevo pelo dom que Deus nos concedeu em Cristo imprime à nossa existência um dinamismo novo que nos compromete a ser testemunhas do seu amor. Tornamo-nos testemunhas quando, através das nossas ações, palavras e modo de ser, é o Outro que aparece e Se comunica. Pode-se afirmar que o testemunho é o meio pelo qual a verdade do amor de Deus alcança o homem na história, convidando-o a acolher livremente esta novidade radical. No testemunho, Deus expõe-Se, por assim dizer, ao risco da liberdade do homem. O próprio Jesus é a testemunha fiel e verdadeira (Ap 1,5;3,14); veio para dar testemunho da verdade (Jo 18,37). (BENTO XVI, 2007)

Nessa ordem de ideias, retoma-se a um conceito caro aos primeiros cristãos, mas que nos interpela também a nós, cristãos de hoje: o testemunho até o dom de si mesmo, até o martírio, sempre foi considerado, na história da Igreja, o apogeu do novo culto espiritual:

“Ofereci os vossos corpos” (Rm 12,1). Pense-se, por exemplo, na narração do martírio de São Policarpo de Esmirna, discípulo de São João: o seu caso, dramático, é todo ele descrito como uma liturgia; mais ainda, como se o próprio mártir se tornasse Eucaristia. Pensemos também na consciência eucarística que Santo Inácio de Antioquia exprime tendo em mente o seu martírio: considera-se ‘trigo de Deus’ e, pelo martírio, deseja, transformar-se em ‘pão puro de Cristo. O cristão, quando oferece a sua vida no martírio, entra em plena comunhão com a páscoa de Jesus Cristo e, assim, ele mesmo se torna Eucaristia com Cristo. Não faltam, ainda hoje, à Igreja os mártires, em quem se manifesta de modo supremo o amor de Deus. E, mesmo que não nos seja pedida a prova do martírio, sabemos, porém, que o culto agradável a Deus postula intimamente esta disponibilidade e encontra a sua realização no feliz e convicto testemunho perante o mundo de uma vida cristã coerente nos diversos setores onde o Senhor nos chama a anunciá-Lo (BENTO XVI, 2007, p. 91).

Os padres sinodais afirmaram, significativamente, que

“os fiéis cristãos precisam de uma compreensão mais profunda das relações entre a Eucaristia e a vida cotidiana. A espiritualidade eucarística não é apenas participação na Missa e devoção ao Santíssimo Sacramento; mas abraça a vida inteira. Tal realce assume atualmente particular significado para todos nós, é preciso reconhecer que um dos efeitos mais graves da secularização é ter relegado a fé cristã para a margem da existência, como se fosse inútil para a realização concreta da vida dos homens; a falência desta maneira de viver “como se Deus não existisse”, está agora patente a todos”. (BENTO XVI, 2007, p. 82).



Hoje se torna necessário redescobrir que Jesus Cristo não é uma simples convicção privada ou uma doutrina abstrata, mas uma pessoa real cuja inserção na história é capaz de renovar a vida de todos (CANTALAMESSA, 2021).

Por isso, a Eucaristia, enquanto fonte e ápice da vida e missão da Igreja, deve traduzir-se em espiritualidade, em vida “segundo o espírito” (Rm 8, 4s; cf. Gl 5, 16.25). É significativo que São Paulo, na passagem da Carta aos Romanos, na qual convida a viver o novo culto espiritual, apele ao mesmo tempo para a necessidade de mudar a própria forma de viver e pensar: ‘Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para saberdes discernir, segundo a vontade de Deus, o que é bom o que Lhe é agradável, o que é perfeito’ (Rm 12, 2).

Desse modo, o Apóstolo das Gentes põe em evidência a ligação entre o verdadeiro culto espiritual e a necessidade de uma nova maneira de compreender a existência e orientar a vida. Constitui parte integrante da forma eucarística da vida cristã a renovação da mentalidade, pois “assim já não serão crianças inconstantes, levadas ao sabor de todo o vento de doutrina” (Ef 4, 14). Seremos um só com o Senhor!

## CONCLUSÃO

A Eucaristia, para os cristãos católicos, está na origem de toda forma de santidade, sendo cada um de nós chamado à plenitude de vida no Espírito Santo. Se perpassarmos pela história da Igreja, iremos encontrar dezenas e mais dezenas de santos e santas que tornaram autêntica a sua própria vida, graças a sua piedade eucarística, pois a santidade sempre encontrou o seu centro no sacramento da Eucaristia .

Mas para que isso continue acontecendo, é necessário que, na Igreja, este mistério santíssimo seja verdadeiramente acreditado, devotamente celebrado e intensamente vivido, como já nos lembrava o Papa Bento XVI (2007).

A oferta da nossa vida, a comunhão com a comunidade inteira dos crentes e a solidariedade com todo homem são aspectos imprescindíveis do culto espiritual, santo e agradável a Deus (Rm 12,1), no qual toda a nossa realidade humana concreta é transformada para a glória de Deus. Só assim encontraremos, no sacramento do amor de Cristo, a energia de que precisamos para transformar a nossa própria vida num sinal autêntico da presença do Senhor ressuscitado.

Enquanto no início da Era Cristã, e até os dias de hoje, em alguns países, nossos irmãos são perseguidos e não podem viver a sua fé, não tendo o direito de celebrar o Culto Eucarístico, sendo obrigados a viver sua fé na clandestinidade ou levá-la ao extremo do martírio, nós, que temos tanta liberdade, precisamos ser mais capazes de testemunhar e continuar a experiência do amor de Deus que vivemos na intimidade do rito litúrgico em nossa vida particular.

Jesus, o bom Pastor, está a serviço da vida e nos oferece a Eucaristia como o sacramento por excelência, onde todos podem saciar a fome, serem curados, a fim de que venham a se tornar outro Cristo aos irmãos. O mesmo Documento prossegue citando que “Aquele que se alimenta de mim, viverá por mim” (Jo 6,57) e ao ser saciado e participando deste banquete terá participação na vida eterna e será feliz. Porém, o Senhor pede a todos que tenham abertura de coração e possam por meio dos dons recebidos servir aos irmãos mais necessitados, os mais pobres, pois nesses que se encontra o próprio Jesus, que veio para que o homem tenha vida na glória e a tenha em plenitude (Jo 10,10). Jesus também deseja a nossa felicidade aqui nesta dimensão, nesta vida. Diz o Senhor “mas em Deus, que nos provê tudo com abundância para que nos alegremos” (1Tm 6,17).

Nessa perspectiva, a celebração eucarística nos impele a sermos cada vez mais discípulos missionários. Isso nos faz voltar o coração para o mistério. Aqui os fieis são

alertados para, que, na sua condição de discipulado, Jesus sempre os atraí a si por meio da Eucaristia. Afirmo ainda que não pode haver celebração eucarística sem Igreja nem Igreja sem Eucaristia. Nesse sentido, portanto, precisamos revigorar nosso crer, celebrar e viver o mistério de Jesus Cristo e isso se dá por meio do memorial, banquete e sacrifício que emana do altar de onde a Eucaristia é celebrada. Para tanto, é necessário que a nossa consciência cristã esteja cada vez mais aberta a esse mistério, razão pela qual é preciso uma catequese constante.

Cabe aqui uma exortação, que, ao mesmo tempo, é um projeto de esperança: que não desistamos de continuar neste caminho, que nem sempre é fácil, mas que sabemos ser o único meio de alcançarmos o céu. Que procuremos, apesar de nossas limitações, fazer de nossa vida uma verdadeira oblação agradável ao Senhor. Que a Virgem Maria, Sacrário Santo de Deus, nos ajude a sermos fiéis e que não nos deixe parar de escutar a sua voz, como fez nas Bodas de Caná, ao indicar atenção dos servos a Jesus: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2, 5).

## REFERÊNCIAS

- ALDAZÁBAL, J. **A Eucaristia**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário Elementar de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- AQUINO, F. **A presença real de Cristo na Eucaristia**. Editora Cléofas, 2021a. Disponível em: <https://cleofas.com.br/a-presenca-real-de-cristo-na-eucaristia/>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. **A eucaristia nos primórdios da Igreja**. Editora Cléofas, 2021b. Disponível em: <https://cleofas.com.br/a-eucaristia-nos-primordios-da-igreja/>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Algumas orientações básicas sobre a Eucaristia**. Editora Cléofas, 2021c. Disponível em: <https://cleofas.com.br/algumas-orientacoes-basicas-sobre-a-eucaristia/>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- \_\_\_\_\_. **O segredo da sagrada Eucaristia**. Lorena: Editora Cléofas, 2006.
- ARAÚJO, Fábio Carlos de. Aspectos tecnológicos-litúrgicos da celebração eucarística. **Revista de Magistro de Filosofia**, Anápolis, n, 25, p. 56-68, 2018. Disponível em: <https://www.catholicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2018/10/Aspectos-Teol%C3%B3gico-Lit%C3%Bargicos-da-Celebra%C3%A7%C3%A3o-Eucar%C3%adstica-1.pdf>. Acesso em: 04 set. 2021.
- ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XI, 2004, Vaticano. **A Eucaristia: fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. Lineamenta. Vaticano: 2004. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20040528\\_lineamenta-xi-assembly\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20040528_lineamenta-xi-assembly_po.html). Acesso em: 08 de ago. 2021.
- AUGÉ, Matias. **Liturgia**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.
- BENTO XVI. **Exortação apostólica pós-sinodal “Sacramentum Caritatis”**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CANTALAMESSA, Frei. **Jesus Cristo não é uma ideia, mas uma pessoa**. Vaticano News, 2021. Disponível em :<<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-03/cantalamezza-quarta-pregacao-quaresma-jesus-nazare-pessoa-viva.html>>. Acesso em: 20 ago 2021.
- CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2009.
- CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**. Teologia, celebração, experiência. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CONSTITUIÇÃO *Gaudium et Spes*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II (1962-1965): constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO *Lumen Gentium*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II (1962-1965): constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO *Presbyterorum Ordinis*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II (1962-1965): constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II (1962-1965): constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DALABENETA, H. **O ser humano, que é?** In: Antropologia teológica: pensar o ser humano na universidade. São Paulo: Ideias & Letras, 2017. p. 39-50. Disponível em: <https://unisal.br/arquivos/Ebook-Antropologia-Teologica.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

DOCUMENTO DE APARECIDA: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2007.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Igreja da Misericórdia**: a minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

\_\_\_\_\_. **Audiência Geral**: rezar na liturgia. Vaticano, Audiências, 2018a. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco\\_20210203\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210203_udienza-generale.html). Acesso em: 10 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Audiência geral**. Vaticano, Audiências, 2018b. [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco\\_20210203\\_udienza-generale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210203_udienza-generale.html). Acesso em: 06 ago. 2021.

GAMBARINI, Alberto. **O milagre da Eucaristia para você**. São Paulo: Ágape, 2005.

GOUVÊA, G. **Teologia do rito**: a ação ritual como lugar da epifania do mistério de Cristo 2019. 115f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46595/46595.PDF> Acesso em: 15 set. 2021.

INSTRUÇÃO Geral do Missal Romano (IGMR). São Paulo: Paulus, 2009.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica “Ecclesia de Eucharistia”**. São Paulo, Loyola, 2003.

MASSARO, A. L. **A celebração da Palavra de Deus à luz do Vaticano II**: elementos restaurados, fonte de fé e mistério pascal de Cristo. 2017. 181 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20936>. Acesso: 15 set. 2021.

MICHELETTI, Guillermo. **Catequese litúrgica: a missa explicada**. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

MIRANDA, L. A. **A eucaristia: Jesus Cristo se faz alimento para uma refeição espiritual na igreja**. São Paulo: Paulus, 2015.

MISSAL ROMANO. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

MARSILI, S. **A liturgia, momento histórico da salvação**. In: NEUNHEUSER, B. et al. A liturgia. Momento histórico da salvação. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 37-190.

PAULO VI. **Carta Encíclica “Mysterium Fidei”**. São Paulo: Paulus, 1997.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. São Paulo: Planeta, 2017.

\_\_\_\_\_. **Fé, verdade, tolerância**. O Cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2007.

\_\_\_\_\_. **Fé e Futuro**. Petrópolis: Vozes, 1971.

SÁNCHEZ, J. **Símbolo**. In.: SAMANES, C. – ACOSTA, J. (orgs.). Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999, p. 781.

SANTE, C. **Cultura e liturgia**. In: SARTORE, D. – TRIACCA, A. (orgs.). Dicionário de liturgia. São Paulo: Paulus, 2004, p. 276-284.

TABORDA, F. **O Memorial da Páscoa do Senhor**. São Paulo: Loyola, 2009.